

Tradução e seus impasses no conto “Notas ao pé da página”, de Moacyr Scliar, sob o olhar de Rosemary Arrojo

Luciana de Mesquita Silva*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo abordar o conto “Notas ao pé da página” (1995), de Moacyr Scliar. O referido texto será analisado no intuito de estabelecer uma conexão entre literatura e o tema da tradução e levantar reflexões sobre linguagem a partir de diferentes concepções, as quais serão relacionadas a visões distintas sobre tradução. Além disso, uma análise da ficção de Scliar por Rosemary Arrojo, cujo trabalho está vinculado aos Estudos da Tradução, será apresentada. A fundamentação teórica inclui os pensamentos de Mounin (1975), Frota (2000) e Arrojo (2004).

Palavras-chave: tradução; conto; Moacyr Scliar; Rosemary Arrojo

A visão da linguagem como artefato, código, sistema de representação tende a se destacar em nossa tradição platônico-aristotélica. No entanto, essa conjectura é desafiada por uma percepção da linguagem como forma de vida, *práxis*, a qual vem sendo favorecida na contemporaneidade. Nesse sentido, se por um lado, no “velho” ponto de vista, a linguagem possui um papel coadjuvante, de acordo com esse “novo” panorama, a linguagem assume o papel principal.

No referido âmbito, em que a linguagem não responde a algo anterior e o verbal e o não-verbal estão conectados, não há relação com o mundo sem a linguagem, uma vez que toda identidade é necessariamente atravessada por ela. Além disso, enquanto na concepção da linguagem como sistema unificado os vínculos estabelecidos entre significante e significado são estáveis, apresentando contornos definidos, na visão da linguagem como forma de vida, ela carece de um *télos*, já que é constitutivamente fragmentária, além de se apresentar como um conjunto de práticas sociais descontínuas.

Tal paradigma pode ser observado no âmbito de diversos saberes, tais como a filosofia e a literatura, o que conduz a um questionamento de determinadas oposições que incluem fala e escrita, nomes comuns e nomes próprios, nativo e estrangeiro, original e tradução, entre outros. Dessa forma, elaboram-se atos de leitura marcados por sua abertura a múltiplos horizontes, constituindo-se em ficções pensantes ou propondo-se como respostas a outros textos.

* Doutorado em Estudos da Linguagem pela PUC do Rio de Janeiro.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre essa perspectiva, em que se intensifica um abalo na linguagem, focalizando impasses relativos à tradução. Para tanto, primeiramente será construído um breve panorama de concepções tradutórias baseadas em diferentes pensamentos sobre a linguagem, que incluem o universalismo e o relativismo linguísticos, bem como a linguística saussureana. Em seguida, será apresentado o conto “Notas ao pé da página” (1995), de Moacyr Scliar, em diálogo com atos de leitura propostos por autores que reconhecem a visão da linguagem como *práxis*. Entre tais intelectuais encontram-se Jacques Derrida e Susan Sontag. Posteriormente, serão trazidas à luz as considerações de Rosemary Arrojo sobre o conto de Scliar, tomando-se como referência sua discussão sobre (in)fidelidade e gênero na tradução e relacionando-a com o pensamento sobre linguagem proposto por Jonathan Culler, Jorge Luis Borges, entre outros.

2. Concepções de linguagem e tradução em foco

No decorrer da história, os pensamentos sobre tradução têm sido carregados de controvérsias. São frequentes as discussões que abrangem a (in)fidelidade da tradução ao texto original, a (in)visibilidade do tradutor e até mesmo a (im)possibilidade da atividade tradutória, discussões essas assentadas em diferentes visões sobre a linguagem. Partindo-se, sobretudo, de uma concepção universalista, a tradução é totalmente possível, já que “a língua é um instrumento para expressar significado” (WIERZBICKA, 1992, p. 1) e todas as línguas falam sempre “do mesmo universo da mesma experiência humana, analisado de acordo com categorias do conhecimento idênticas para todos os homens” (MOUNIN, [1963] 1975, p. 49). Desse modo, uma vez que as línguas têm propriedades comuns, constituindo-se como meios para a expressão dos pensamentos, sentimentos e percepções humanos universais, os significados são os mesmos em qualquer idioma, diferenciando-se apenas em suas formas materiais.

No contexto dessa ótica, está intrínseca a crença de que a tradução consiste em uma reescrita absolutamente fiel ao texto de partida. Além disso, no tocante ao tradutor, este é marcado ou por uma visibilidade negativa, porquanto qualquer falha seria a ele atribuída, ou por sua invisibilidade. Tal maneira de se enxergar a tradução, geralmente relacionada ao senso comum, encontra respaldo na tradição platônico-aristotélica. Segundo essa visão, as essências naturais prevalecem sobre as convenções. Ou seja, as

palavras têm como papel representar de modo racional essências universais e autônomas. Logo, nas palavras de Helena Martins, em “Três caminhos na filosofia da linguagem” (2009), “as línguas humanas seriam vistas em seu âmago como instrumentos de que dispomos para falar objetivamente sobre as coisas, como *sistemas de descrição* ou *representação* de uma ordem externa universal” (MARTINS, 2009, p. 469).

Apesar dos consideráveis reflexos dessa concepção essencialista em diversos campos disciplinares, propõem-se posicionamentos com o intuito de desestabilizá-la. Entre os precursores dessa perspectiva não-universalista sobre a linguagem destacam-se, nos séculos XVIII e XIX, os alemães Johann Gottfried Herder e Wilhelm von Humboldt. Segundo Herder, “todo povo fala [...] de acordo com sua maneira de pensar e pensa de acordo com sua maneira de falar” (HERDER, *apud* WIERZBICKA, 1992, p. 1). Humboldt, por sua vez, propõe que “cada língua [...] contém uma visão de mundo característica” (HUMBOLDT, *apud* WIERZBICKA, 1992, p. 1). Nesse sentido, ambos os estudiosos trouxeram à superfície a ideia de que diferentes línguas e culturas enxergam o mundo de formas distintas.

As contribuições de Herder e Humboldt exerceram grande influência no campo da Linguística. Assim como eles, Ferdinand de Saussure critica a noção de língua como nomenclatura: “se as palavras fossem incumbidas de representar conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos quanto ao sentido: ora, isto não acontece” (SAUSSURE, *apud* MOUNIN [1963] 1975, p. 31). Logo, Saussure enfatiza que as relações entre objetos e palavras se caracterizam pela complexidade e pela arbitrariedade. Se por um lado, a exclusão do falante do contexto da *langue* foi vista por alguns teóricos como um ponto negativo, por outro, é notável o fato de que Saussure inaugurou um caminho de diferenças. Nas palavras de Frota, “isto se dá na medida em que ele desnaturaliza as línguas, vinculando-as às comunidades que as falam” (FROTA, 2000, p. 33), proposta essa derivada de pensamentos como os de Humboldt. Além disso, ao se pensar sobre a língua como um sistema cujos elementos estão em relação e, portanto, não possuem uma identidade própria, Saussure contribuiu fortemente para a revisão da imagem de língua como uma mera lista de palavras.

Além da concepção universalista da linguagem, o relativismo linguístico baseado em Herder, Humboldt ou Saussure contribuiu para o pensamento acerca da tradução. Dessa forma, dada a diferença entre as línguas e as culturas, “não podemos traduzir porque nunca falamos da mesma coisa, mesmo quando falamos de um mesmo

objeto, em línguas diferentes” (MOUNIN, [1963] 1975, p. 58). Assim concebendo-se as línguas e os significados e considerando-se a tradução como uma reescrita absolutamente fiel, a tradução seria impossível, ou, conforme aponta Mounin, como no decorrer da história os tradutores sempre exerceram sua função, a tradução se constitui em um escândalo e em uma prática ilegítima. A impenetrabilidade das línguas foi considerada, portanto, como um obstáculo à atividade tradutória: “esses hiatos entre duas culturas dadas somam-se às dificuldades impostas pelas próprias línguas à tradução total” (MOUNIN, [1963] 1975, p. 71). Segundo essa visão, ao tradutor cabe, teoricamente, a tarefa de buscar, na língua de chegada, palavras cujos significados tenham alguma semelhança ou uma equivalência parcial àqueles vinculados à língua de partida.

Por um lado, a concepção de tradução aliada ao universalismo linguístico aponta para a possibilidade de reprodução absolutamente fiel. É o que se observa, por exemplo, no influente pensamento de Cícero, para quem a tradução, em vez de ser feita palavra por palavra deveria ser realizada sentido por sentido. Em contrapartida, a concepção de tradução fundamentada no relativismo linguístico, que traz à luz especificidades linguístico-culturais, sugere, senão a impossibilidade, apenas a possibilidade de uma eventual similaridade. Além de Mounin, pode ser citado como expoente dessa teoria Eugene Nida, para quem a tradução é uma espécie de transporte de carga, em que o “conteúdo do texto-trem original” deve chegar ao seu destino, a língua-meta, de forma intacta (FROTA, 2000). Apesar das peculiaridades inerentes a cada uma dessas visões, há em comum o seguinte aspecto: a neutralidade do tradutor, visto como um mero decodificador e reproduzidor de significados. Essa perspectiva pode ser observada no senso comum, geralmente assentado no paradigma representacionista da linguagem.

No que diz respeito ao chamado pós-estruturalismo, ele se fundamenta em grande parte na linguística saussureana, seja para questionar alguns de seus pressupostos ou reafirmar outros. Uma das críticas nesse sentido é a exclusão do indivíduo falante da *langue*, definida como “um sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (SAUSSURE, [1916] 2000, p. 23). Assim, ao propor uma noção cientificista de língua, Saussure optou por deixar de lado o falante e o uso (a *parole*), caracterizados pela heterogeneidade, apagando as particularidades de escrita e leitura. Desse modo, “o tradutor, a partir da teoria da *langue*, é visto diante de signos,

significações e valores, que, prévia e homogeneamente fixados pela língua, ele deve respeitar neutramente” (FROTA, 2000, p. 49).

Um dos propósitos dos intelectuais ligados ao pós-estruturalismo é retirar a tradução de uma condição desprestigiada, apontando para sua possibilidade e legitimidade. Dessa maneira, é trazida à luz a figura do tradutor, o qual, ao ler o texto original lhe confere significação. Stanley Fish (1980) contribui para essa visão ao discorrer sobre questões de leitura e interpretação. Fish defende a ideia de que “não há significados pré-determinados e que a estabilidade do texto é uma ilusão” (FISH, 1980, p. 312). Assim, os significados seriam produzidos pelas comunidades interpretativas, cada qual fundamentada em um ponto de vista público e convencional. A partir dessa visão, “texto, contexto e interpretação emergem todos juntos, como consequência de um gesto (a declaração de crença) que é irredutivelmente interpretativo” (p. 340).

Rosemary Arrojo dialoga com Fish ao enxergar o tradutor como “produtor de significados”. É o que se observa no capítulo “A questão do texto original”, em *Oficina da tradução: a teoria na prática* (1986). Em suas palavras, o tradutor é um leitor e o texto revela a imagem de um palimpsesto: “O ‘palimpsesto’ passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (ARROJO, 1986, p. 24). Um olhar mais detalhado sobre a visão de Arrojo sobre leitura e tradução será apresentado mais adiante.

3. “Notas ao pé da página” como ficção pensante

No paradigma da linguagem como *práxis*, a literatura se oferece como ocasião para se pensar sobre diversos assuntos. Ao argumentar sobre o que seria literatura, Jacques Derrida traz o seguinte pensamento na entrevista “This Strange Institution Called Literature” (1992):

A literatura como instituição histórica com suas convenções, regras, etc., mas também essa instituição de ficção que dá, *em princípio*, o poder de dizer tudo, de desvencilhar-se das regras, de deslocá-las e, desse modo, instituir, inventar e até mesmo suspeitar das diferenças tradicionais entre natureza e instituição, natureza e lei convencional, natureza e história. (DERRIDA, 1992, p. 37)

Scliar, ao escrever “Notas ao pé da página” (1995), adota uma postura que analisa os pressupostos, suspeita dos dogmatismos e, acima de tudo, levanta questionamentos, questionamentos esses que perpassam concepções tradicionais sobre linguagem e tradução, entre outros aspectos.

O conto em análise causa impacto no leitor a partir do primeiro momento. Tal fato se justifica pela ideia de que o local reservado para a presença do texto é substituído por um espaço vazio, o que, em vez de pacificar, provoca perplexidade. Logo, assim como Derrida que, em “Aphorism Countertime” (1992) propõe sua contra-assinatura performativa em resposta a *Romeu e Julieta* a partir de aforismos, evidenciando a descontinuidade da linguagem, Scliar sublinha o silêncio, contrariando a visão da linguagem como sistema de representação. Essa fragmentação se revela não só a partir das lacunas existentes no local onde supostamente estaria o texto, mas também no modo como a narrativa é apresentada: como o próprio título sugere, ela é composta por cinco notas de rodapé escritas por um tradutor.

Em tal cenário, que sugere uma experiência de vertigem da linguagem, são abaladas noções como as de conteúdo e forma. Susan Sontag promove discussões sobre esse tópico em “Against Interpretation” (1964). Esse texto é produto de uma insatisfação da autora com relação à hermenêutica, campo de estudos que estava em voga no período em questão. Segundo Sontag, “ainda se presume que uma obra de arte é o seu conteúdo. Ou, como é geralmente proposto hoje, que a obra de arte por definição diz alguma coisa” (SONTAG, 1964, p. 2). Na contraluz dessa valorização do conteúdo, Sontag reivindica a presença do erótico na arte com o objetivo de impactar o espectador. De acordo com seu pensamento:

O que é importante agora é recuperar nossos sentidos. Devemos aprender a ver mais, a escutar mais, a sentir mais. Nossa tarefa não é encontrar a quantidade máxima de conteúdo em uma obra de arte, muito menos extrair mais conteúdo de uma obra do que aquilo que já está lá. Nossa tarefa é podar o conteúdo de modo que possamos, enfim, enxergar a coisa. (SONTAG, 1964, p. 10)

Tais palavras de Sontag dialogam com a proposta de Scliar. Ao se retirar o conteúdo, ou seja, ao se deslocar o texto para um espaço frequentemente considerado de segunda ordem, promove-se uma obra que pode ser vista em sua recalcitrância. Nesse panorama, portanto, estão desconvidados a tradução e, conseqüentemente, o texto original: apenas a voz do tradutor-narrador constitui o conto em análise. Tal ficção

pensante, que demonstra se afiliar ao paradigma da linguagem como *práxis* ao trazer o tradutor para a cena principal, aproxima-se do pensamento de Paul de Man que, ao se contrapor ao formalismo, propõe a seguinte ideia: “Já não se trata de imitação mas de criação, já não se trata de comunicação, mas de participação” (DE MAN, 1999, p. 254). Nesse sentido, na narrativa de Scliar, o tradutor se mostra como criador, denotando uma postura atuante em tal cenário.

É interessante observar que, embora o discurso do tradutor seja o único a se apresentar no texto ficcional em análise, o que aponta para um desafio a tradicionais dicotomias tais como autor e tradutor, original e tradução, ele está presente em um local marginalizado – o rodapé da página – notadamente destinado a esse profissional. Essa situação, portanto, pode ser relacionada ao pensamento de Saussure ao sugerir que, na linguagem, “o que domina toda alteração é a persistência da matéria velha” (SAUSSURE, [1916] 2000, p. 89).

No que diz respeito ao enredo, este é formado por notas de rodapé relativas à tradução que o narrador realizou dos diários de um poeta. Em uma ocasião em que o tradutor vai ao encontro do autor, ele acaba se envolvendo com N., amante do escritor. Desolado com o episódio, o poeta discute com o tradutor que, de maneira vingativa, argumenta que não faria mais trabalhos para ele. O autor, por sua vez, tem a seguinte reação: “Nesse momento mudou por completo; praticamente arrojando-se a meus pés – era de uma submissão abjeta – implorou-me que continuasse sendo seu tradutor” (SCLIAR, 1995, p. 375). Por fim, o tradutor se casa com N. e tem um último encontro com o autor, antes da morte deste.

Segundo Jonathan Culler, no texto “Em defesa da superinterpretação” (1993), “ao estudar a literatura, as pessoas não desenvolvem apenas interpretações (usos) de obras específicas, mas adquirem também uma compreensão geral de como a literatura funciona – seu leque de possibilidades e estruturas características” (CULLER, 1993, p. 140). Nesse sentido, o texto literário aponta para diversos horizontes, propiciando variadas formas de leitura. É o que se pode perceber nessa pequena ficção pensante de Scliar. Arrojo, por exemplo, responde a “Notas ao pé da página” a partir do texto “Tradução, (in)fidelidade e gênero num conto de Moacyr Scliar” (2004), que será abordado a seguir.

4. Rosemary Arrojo lê Moacyr Scliar

Arrojo inicia seu artigo destacando o fato de que o senso comum geralmente relaciona a tradução e os tradutores à traição, haja vista a grande reverberação de adágios como “traduttori, traditori” e “les belles infidèles”. Tal postura reflete uma visão da linguagem como sistema, a partir da qual um texto apresenta significados estáveis que seriam abalados por meio da tradução. Autores como Borges, por exemplo, questionam essa concepção. Nas palavras do intelectual, “o conceito de *texto definitivo* não corresponde senão à religião ou ao cansaço” (BORGES, 1998, p. 1).

Em diálogo com tal pensamento de Borges, Arrojo sugere que o conto de Scliar proporciona uma abertura a múltiplas perspectivas. Tomando como base a proposta de Lori Chamberlain, em “Gender and the Metaphoric of Translation” (1992), de que a tradução representa a mulher, e o texto original, o marido, pai ou autor, constituindo, assim, uma relação assimétrica de poder, Arrojo lê o conto de Scliar com o objetivo de explorar a “forma pela qual o tema da traição do tradutor assume matizes explicitamente sexuais quando se associa ao tipo de competição que ocorre entre homens pelas atenções (e pela posse) de uma mulher atraente” (ARROJO, 2004, p. 28).

Arrojo, portanto, destaca a figura do tradutor, que parece ser competente em seu trabalho, pois é requisitado de forma insistente pelo escritor e considerado responsável pelo sucesso dos textos do poeta que traduziu. No entanto, o tradutor abusa de um espaço reservado a ele: as notas de rodapé referentes à sua tradução, que está apagada nesse contexto. Segundo Arrojo, ele se revela fiel ao texto original, mas infiel no que diz respeito à utilização do recurso textual citado. A partir dessa paisagem, Arrojo levanta questionamentos sobre como os leitores poderiam reagir ao enredo de Scliar. Tais questionamentos se encontram ao longo de todo o artigo, apontando para o fato de Arrojo não buscar respostas fechadas e sim promover uma abertura para reflexões. Isso remete à seguinte ideia trazida à luz por Culler: “sempre existirão novas possibilidades contextuais a serem apresentadas, de modo que a única coisa que não podemos fazer é estabelecer limites” (CULLER, 1993, p. 143).

Ainda com relação ao tradutor, este se mostra forte e poderoso ao conquistar a mulher do poeta, a qual havia sido colocada à sua disposição pelo escritor. O tradutor comenta sobre N.: “De fato ela foi gentilíssima; seu desvelo era para mim – recém-saído de um traumático divórcio – amparo e consolo” (SCLIAR, 1995, p. 372). Na visão de Arrojo, N. representa a “bela infiel”: como escritura, apresenta significados instáveis e está sempre pronta para se oferecer e ser possuída por leitores variados. Essa metáfora

relativa a N. se estende à própria leitura que Arrojo faz de “Notas ao pé da página”, uma vez que propõe diferentes olhares sobre o conto, baseados em diferentes textos com os quais o mesmo dialoga. Para tanto, a autora fundamenta sua análise no seguinte pensamento: “o conto brinca, de forma bem-humorada, com os velhos clichês que envolvem as noções de propriedade, fidelidade e traição e suas implicações para as relações tradicionalmente estabelecidas entre autores, originais, tradutores e traduções” (ARROJO, 2004, p. 30).

Uma das leituras propostas por Arrojo relaciona a narrativa de Scliar a textos sobre interpretação, leitura e tradução, especialmente os de autoria de Lawrence Venuti. Venuti pondera sobre a (in)visibilidade do tradutor, argumentando que o trabalho desse profissional tem sido raramente reconhecido na sociedade. Além disso, o estudioso chama a atenção para as assimetrias envolvidas na tradução, as quais são denominadas por ele de “escândalos”, e defende o uso de estratégias tradutórias que contribuam para uma valorização dessa atividade. Esse posicionamento politicamente engajado de Venuti demonstra uma visão não-melancólica acerca da tradução, já que ela não seria inferior a original. Tal percepção é compartilhada por Borges, uma vez que, para ele, “a superstição da inferioridade das traduções – amoedada no concebido adágio italiano – procede de uma distraída experiência. Não há um bom texto que não pareça invariável e definitivo se o praticamos um número suficiente de vezes” (BORGES, 1998, p. 1).

Outra leitura trazida por Arrojo associa a narrativa de Scliar a teorias pós-estruturalistas presentes em textos de Roland Barthes e Michel Foucault, segundo os quais, no tocante à leitura, os significados são construídos, e não recuperados, como se propõe no paradigma representacionista da linguagem. Barthes afirma que “não se deve nenhum respeito ‘vital’ ao Texto, [que] pode ser lido sem a garantia de seu pai, já que a restituição do intertexto paradoxalmente abole qualquer legado” (BARTHES, *apud* ARROJO, 2004, p. 33). Foucault, por sua vez, transforma o poderoso autor em “um certo princípio funcional [...] com o qual impedimos a circulação livre, a manipulação livre, a composição, a decomposição e a recomposição livres da ficção” (FOUCAULT, *apud* ARROJO, 2004, p. 33). Assim, Barthes e Foucault indicam que, com a “morte” do autor, cabe ao leitor estabelecer o modo como irá se relacionar com o texto. Tal pensamento remete, em certa medida, às seguintes palavras de Umberto Eco, em seu artigo “Superinterpretando textos” (1993): “A intenção do texto não é revelada pela superfície textual. Ou, se for revelada, ela o é apenas no sentido da carta roubada. É

preciso querer 'vê-la'. Assim é possível falar da intenção do texto apenas em decorrência de uma leitura por parte do leitor” (ECO, 1993, p. 75).

Arrojo também estabelece um paralelo entre o conto de Scliar e a proposta de Derrida com respeito à visão convencional sobre original e tradução. Baseado no texto “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin, ele reage contra as noções de fidelidade e originalidade geralmente enfatizadas pelo senso comum, as quais insistem em enxergar a tradução como um texto de segunda ordem que deve ser fiel ao texto original, considerado superior. Conforme declara Derrida, “a dívida não envolve a restituição de uma cópia ou de uma boa imagem, uma representação fiel do original, pois este, o sobrevivente, está ele próprio, envolvido num processo de transformação” (DERRIDA, *apud* ARROJO, 2004, p. 31).

Após apresentar diferentes perspectivas de leitura para “Notas ao pé da página”, Arrojo levanta questionamentos importantes para se pensar a narrativa em análise, o que conduz à ideia de Culler de que “pode ser muito importante fazer perguntas que o texto não incita a fazer sobre ele” (CULLER, 1993, p. 136). Entre as indagações de Arrojo destacam-se: “como poderíamos confiar no narrador de Scliar ao considerarmos o tratamento nada profissional que concede ao autor que traduz? Como poderíamos não nos solidarizar com o poeta morto cuja amante o tradutor acaba seduzindo?” (ARROJO, 2004, p. 34). A partir dessa reflexão, Arrojo sugere que, ao mesmo tempo em que o tradutor demonstra o suposto desejo de possuir o texto alheio, destacando uma reputação negativa desse profissional e apontando para a tendência de o autor defender seus textos de qualquer interferência, é conferido a ele um papel significativamente autoral. Arrojo amplia essa conjuntura ao iluminar a figura feminina, tão desejada pelos homens, a qual é associada ao texto, especialmente àquele concebido no âmbito do pós-estruturalismo:

[...] volúvel, instável e essencialmente infiel, até que encontre um leitor forte o suficiente para estabilizá-lo, ainda que temporariamente, num implícito contrato de leitura, em que os principais papéis repetem aqueles encontrados no estereótipo do casamento tradicional. (ARROJO, 2004, p. 35)

Nesse sentido, Arrojo argumenta que, ao se reagir à visão representacionista da linguagem, a qual denota uma relação hierárquica entre original e tradução, autor e

tradutor, também deveriam ser pensadas as assimetrias que envolvem outras questões, tais como as relativas a gênero.

Considerações finais

Neste artigo, foram levantadas reflexões sobre a linguagem, no sentido de se promover espaço para questões e impasses acerca da tradução. Para tanto, procurou-se abordar atos de leitura que podem ser tomados como ocasiões para se pensar o tema a partir de diferentes ângulos, já que oferecem uma multiplicidade de perspectivas. Esses textos fazem parte de um conjunto eclético que inclui ficções pensantes e produções baseadas em outras obras.

O conto de Scliar alude a uma problematização de “antigas” oposições, tais como original e tradução, a partir de um formato caracterizado por um abalo, um impacto na leitura: a existência de um espaço vazio no lugar tradicionalmente reservado ao texto. No entanto, nesse cenário, em que predomina a concepção de linguagem como *práxis*, não há uma subversão total do paradigma da linguagem como sistema, ou seja, não se desvencilha desse “velho” ponto de vista com conforto. O tradutor profere sua voz de um local já destinado a ele, convencionalmente relegado a um segundo plano.

Arrojo, ao ler o texto em questão, desvela alguns aspectos sobre leitura e tradução, a partir de diferentes possibilidades de interpretação. Essa variedade de caminhos proposta pela autora reflete o que constitui a própria estrutura da narrativa de Scliar, marcada pela fragmentação e pela volatilidade da linguagem. Nesse sentido, o texto de Arrojo contribui não só para mostrar a abertura de horizontes que “Notas ao pé da página” oferece, como também para trazer à luz uma análise que ultrapassa o campo da tradução e promove discussões concernentes a leitura e gênero, reflexões essas de tamanha importância na contemporaneidade.

Translation and its impasses in the short story “Notas ao pé da página”, by Moacyr Scliar, under the gaze of Rosemary Arrojo

ABSTRACT: This article aims to approach the short story “Notas ao pé da página” (1995), by Moacyr Scliar. The referred text will be analyzed in order to establish a connection between literature and the theme of translation and pose reflections on language from different conceptions, which will be related to distinct views of translation. Moreover, an analysis of Scliar’s fiction by Rosemary Arrojo, whose work

is linked to the field of Translation Studies, will be presented. The theoretical foundation includes the thoughts of Mounin (1975), Frota (2000) and Arrojo (2004).

Keywords: translation; short story; Moacyr Scliar; Rosemary Arrojo

Referências

ARROJO, R. A questão do texto original. In: _____. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986. p. 11-24.

_____. Tradução, (in)fidelidade e gênero num conto de Moacyr Scliar. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, p. 27-36, 2004.

BORGES, J. L. [1932]. As versões homéricas. In: _____. *Obras completas*. Trad. Josely Viana Baptista. São Paulo: Globo, 1998.

CULLER, J. Em defesa da superinterpretação. In: ECO, Umberto. *Interpretação superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 129-146.

DE MAN, Paul. Impasse da crítica formalista. In: _____. *O ponto de vista da cegueira*. Trad. Miguel Tamen. Lisboa: Cotovia, 1999. p. 251-268.

DERRIDA, J. Aphorism countertime. In: _____. *Acts of literature*. Derek Attridge (org.). Nova York: Routledge, 1992. p. 414-433.

_____. This strange institution called literature: an interview with Jacques Derrida. In: _____. *Acts of literature*. Derek Attridge (org.). Nova York: Routledge, 1992. p. 33-75.

ECO, U. Superinterpretando textos. In: _____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 53-77.

FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge, Ma./Londres: Harvard University Press, 1980.

FROTA, M. P. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguística e na psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes e Fapesp, 2000.

MARTINS, H. F. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: BENTES, A. C. e MUSSALIM, F. (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2009. p. 439-73.

MOUNIN, G.. [1963]. Fragmentos dos caps. 1 e 3 + caps. 4 e 5. *Os problemas teóricos da tradução*. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, F. de [1916]. *Curso de linguística geral*. BALLY, C. e SECHEHAYE, A. (orgs.). Trad. Antônio Shelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCLIAR, M. Notas ao pé da página. In: _____. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 371-375.

SONTAG, S. [1964]. Against interpretation. Disponível em: <http://www.coldbacon.com/writing/sontag-againstinterpretation.html>. Acesso em: 19 nov. 2011.

WIERZBICKA, A. Introduction. In: _____. *Semantics, culture, and cognition*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1992.

Data de envio: 23 de janeiro de 2013.

Data de aprovação: 10 de junho de 2013.

Data de publicação: 2 de setembro de 2013.